

CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE DO PAPEL DA EDUCAÇÃO PARA A ELEVAÇÃO DO NÍVEL DE CONSCIÊNCIA DA CLASSE TRABALHADORA.

Eixo: Marxismo, educação e luta de classes: desafios históricos e urgências contemporâneas.

Caroline Magalhães Lima¹

Resumo

O debate sobre a formação e a elevação do nível de consciência de classes é complexo e necessário à luta pela emancipação humana. A educação é uma das ferramentas necessárias neste processo. Ela tem sido uma ferramenta ideológica de sustentação do modo de produção capitalista, de reprodução e legitimação de sua lógica nas relações sociais e de produção. Ela garante, em parte, a hegemonia da classe dominante - e de sua cultura - por meio do ensino escolar, de mecanismos educacionais familiares, e também midiáticos, religiosos e sociais. Mesmo não dedicando uma obra específica sobre a educação na sociedade sob a égide do capital e sobre a educação com o viés de emancipação política e humana, Marx e Engels colaboraram com o debate em suas análises sobre a educação contemporânea, elaboraram a crítica radical às propostas reformistas e pequeno burguesas e com propostas de médio e curto e de longo prazo para transformação das práticas de ensino auto organizada pelos trabalhadores, influenciando diversos autores. Assim, lançou-se mão de pesquisa de cunho bibliográfico a fim de estabelecer apontamentos que contribuam com o debate sobre como a educação contribui para a elevação do nível de consciência da classe trabalhadora.

Palavras-chave: Marxismo, Educação, Consciência de classe.

Abstract

The debate about the formation and elevation on the level of class consciousness is complex and necessary for the struggles for human emancipation. The education is one of the necessary tools in this process. It's been one ideological tool of sustention for the capitalist production way, for reproduction and legitimating of its logical in the social and production relations. It guarantee, partly, the ruling class hegemony - and its culture - through school education, familiars education mechanisms, also media, religion and social. Even don't dedicating a specific work about education in the capitalist society and about the political and human emancipation education, Marx and Engels collaborated with the debate in their analysis of the contemporary education, developed a radical critique of petit bourgeoisie reformers and tenders and proposals for medium and short and long-term transformation of educating practices self-organized by workers, influencing several authors. Thus, using

¹ Graduanda em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará; Integrante do Instituto Caio Prado Jr.; Bolsista do Programa de Educação Tutorial do Curso de Serviço Social - PET

literature research to establish imprint notes that contribute to the debate on how education contributes to raising the level of consciousness of the working class.

Keywords: Marxism, Education, Class consciousness.

Introdução

Parte-se da premissa de que a educação é um dos elementos em disputa no terreno da luta de classes, sendo hegemonizada pela lógica formal de produção e reprodução da vida capitalista. Sustentada tal hipótese, o estudo de visões de autores marxistas permite a discussão sobre como a educação participa do processo de formação da consciência da classe trabalhadora *para si*, além de apresentar apontamentos de formas de superação da “função social” desempenhada pelas práticas educacionais de hegemonia ideológica burguesa.

Os textos marxianos também possibilitam uma crítica à utopia de determinadas correntes anarquistas e socialistas que pregam que apenas pela via educacional se poderia transformar a sociedade. Porém, cabe ressaltar, esse trabalho não nega a utopia revolucionária, necessária ao processo de disputa de consciência.

Em *Grundrisse*, Marx expõe a ideia de que o trabalho humano deve ter vinculação com sua capacidade criadora e reflexiva (sua capacidade teleológica), e que no modo de produção capitalista esta é negada ou limitada, servindo ao capital como forma de acobertar a exploração da classe trabalhadora, que desempenha funções de acordo com sua “qualificação” obtida por processos educacionais.

Daí compreende-se que o sistema de ensino capitalista capacita e educa a classe trabalhadora para desempenhar funções nos processos produtivos de forma a obter o máximo aproveitamento para a geração e extração de mais valia, bem como para o ajuste e a integração dos indivíduos à sua lógica de forma alienante e alienadora, a fim de reproduzi-la em nível ideológico, subjetivo, técnico e produtivo, incidindo diretamente sobre o nível de consciência da classe trabalhadora.

Marx e Engels não dedicaram nenhuma de suas obras à questão educacional especificamente, porém, em muitas delas a educação é citada como algo para além da pedagogia escolar, como um fenômeno alienante e integrante da divisão do trabalho nas formas sociais capitalistas. Ou seja, há uma relação entre a divisão do trabalho, a educação e o ensino; uma profunda articulação que ilustra os processos educativos e que garante a hegemonia de uma classe, nesse caso, a burguesia, sobre as demais. Assim, seus textos sugerem a introdução de um novo modelo de ensino, apoiado na e pela classe trabalhadora

com viés socialista, que participaria da luta pela “tomada” de consciência, e da luta ideológica em unidade com a práxis revolucionária, de luta pela emancipação humana.

Muitos autores desenvolveram a temática a partir de suas próprias análises críticas como Antonio Gramsci, quando estuda a formação de intelectuais, da hegemonia construída socialmente, com participação da própria “sociedade civil”, Louis Althusser, inspirado também por Gramsci, quando afirma ser a escola um dos Aparelhos Ideológicos do Estado, Ernest Mandel, sobre o papel da educação para a classe trabalhadora, Daniel Bensaid, ao abordar a relação educação – consciência – ideologia, Lenin, que muito se preocupava em revolucionar o modelo escolar soviético e apontava as lutas da classe trabalhadora como verdadeiras escolas de luta, dentre muitos outros.

A atual concepção de educação, amplamente propagada e consolidada no presente senso comum coletivo, em geral, é elitista e conservadora, e busca manter as estruturas desiguais postas pelo sistema capitalista e seu aparelho estatal. A discussão sobre formas de se alcançar um processo de consciência de classe para si, onde se insere a pedagogia revolucionária no processo educativo é ampla, complexa, profunda e merece extensiva pesquisa. Este tema é fundamental, pois provoca uma importante influência política e social, que possivelmente contribuirá para se alcançar uma real transformação societária.

A pesquisa bibliográfica foi utilizada como base para a elaboração de uma sucinta análise de discurso, objetivando o conhecimento de visões de diversos autores, como István Mészáros (2008), Mauro Iasi (2011, 2012), Duriguetto(2011), Bensaid (2013), Lenin (2013), Althusser (1985), Friederich Engels (1976, 1983, 2010, 2012) e do próprio Karl Marx (1976, 1977, 1983, 2006, 2010, 2012) acerca da temática, a fim de estabelecer apontamentos sobre as formas pelas quais os mesmos compreendem a dinâmica existente, da qual participam categorias como consciência de classe, ideologia e educação, inseridas na lógica do modo de produção capitalista. Além disso, busca-se contribuir com a discussão sobre formas possíveis de ruptura com tal modelo.

O método marxista de análise da realidade foi utilizado para melhor compreensão e crítica a algumas propostas de modelos educacionais, configurando-se em uma tentativa de investigar para além da aparência dos fenômenos observados em suas conjunturas específicas, ou seja, procurando elaborar uma reflexão crítica sobre a essência dos mesmos. Para isso, buscou-se ir além da mera categorização, que analisa fenômenos no nível da aparência, em sua singularidade e que por vezes nega a totalidade. Para isso, utilizou-se o caminho metodológico guiado por três principais categorias de Marx: contradição, mediação e transformação. Buscou-se durante todo o trabalho evidenciar contradições, realizar mediações

necessárias, e indicar o caminho apontado pelos autores trabalhados de ruptura com a sociedade capitalista.

Resultados e Discussões

Sabe-se que, historicamente, a educação é utilizada como uma ferramenta ideológica² e de sustentação do modo de produção e reprodução da vida sob a égide do capital. Ela influencia e é influenciada pelas relações sociais de produção capitalista. A educação participa do movimento de consciência na vida cotidiana³. Cabe enfatizar, no entanto, que não se pode conceituar categoricamente consciência e ideologia, seguindo uma lógica formal, pois isso negaria os movimentos dinâmicos em que se inserem e participam.

A consciência está em constante movimento dentro da História. Só pode ser compreendida dialeticamente, pois sua compreensão limitada, imediatista, impõe uma linearidade que não abrange o recuo, o avanço, a superação de formas anteriores e o regresso a tais formas, resumindo o processo ao etapismo: alienação⁴ – “conscientização”⁵ – “tomada” de consciência.

² A conceituação da categoria ideologia pode ser um risco quando adotada a perspectiva metodológica materialista dialética, porém, cumpre ressaltarmos, a utilizaremos neste trabalho como o processo de autonomização da consciência, que surge a partir de um confronto. A categoria ideologia, segundo Althusser (1985), “foi forjada por Cabanis, Destutt de Tracy e seus amigos, e que designava por objeto a teoria (genérica) das idéias. Quando, 50 anos mais tarde, Marx retoma o termo, ele lhe confere, desde as suas Obras da Juventude, um sentido totalmente distinto. A ideologia é, aí, um sistema de idéias, de representações que domina o espírito de um homem ou de um grupo social.” (1985, p. 81).

³ “Na ótica lukacsiana, a vida cotidiana é *insuprimível*. Não há sociedade sem cotidianidade, não há homem sem vida cotidiana. Enquanto espaço-tempo de constituição, produção e reprodução do ser social, a vida cotidiana é ineliminável. [...] se em toda sociedade existe e se põe a cotidianidade, em cada uma delas a estrutura da vida cotidiana é distinta quanto ao seu âmbito, aos seus ritmos e regularidades e aos comportamentos diferenciados dos sujeitos coletivos (...) em face da cotidianidade. [...] E quais são, para Lukács, as determinações fundamentais da cotidianidade? [...] a heterogeneidade [...]; a imediaticidade [...]; a superficialidade extensiva; [...] Estas determinações fundamentais da cotidianidade (...) ganham uma importância primária na escala em que, segundo Lukács, a vida cotidiana é o alfa e o ômega da existência de todo e cada indivíduo. Nenhuma existência individual cancela a cotidianidade. Daí que esta imponha aos indivíduos um padrão de comportamento que apresenta modos típicos de realização, assentados em características específicas que cristalizam uma modalidade de pensamento numa prática peculiares. Ambos se expressam, liminarmente, num materialismo espontâneo e num tendencial pragmatismo”. (NETTO, 1996, p. 66-68, grifo do autor).

⁴ Alienação que é alienação do trabalho: o trabalhador que se transforma em mercadoria no capitalismo para criar mercadorias através de seu trabalho. Trabalho que lhe é exterior: não mais satisfaz uma necessidade, mas se torna um meio de satisfazer necessidades exteriores, cuja consequência imediata é a propriedade privada, uma vez que seu trabalho não o pertence e sim a outro, o burguês (BENSAÏD, 2013). A alienação (que também participa de uma totalidade, de um movimento maior a ela) desapropria o trabalhador/ produtor dos frutos de seu trabalho através da exploração (alienação do trabalhador em relação ao produto de seu trabalho), afasta-o do controle do conhecimento do processo de seu trabalho (alienação do trabalhador no momento de produção, dentro do trabalho, subsunção real), e torna sua realidade incompreensível, assim como o conhecimento crítico de sua própria vida (alienação do trabalhador como sujeito da história, em relação ao ser social, reificação).

⁵ Segundo Mauro Iasi (2011, p. 14), a consciência é um “processo de representação mental (subjetiva) de uma realidade concreta e externa (objetiva), formada nesse momento, através de seu vínculo de inserção imediata

Tal linearidade segue a uma lógica formal, marcada por uma necessidade premente de identificação⁶, polarização de opostos⁷, atribuição de valores⁸, progressividade⁹ e ordenamento¹⁰. Esta lógica, moldada pela realidade concreta e formalizada pelo pensamento moderno, é própria à manutenção da ordem capitalista. Mesma lógica que sustenta a organização da educação, do disciplinamento da classe trabalhadora.

A educação, bem como a consciência, compreendem aspectos objetivos (da realidade imediata, concreta) e aspectos subjetivos (territoriais, regionais, dos sujeitos que dela participam). Desta forma, não basta mudar a educação para mudar a consciência e, conseqüentemente, mudar a sociedade. A educação participa da totalidade e deve ser considerada um elemento de disputa no processo de luta de classes e de intenção de ruptura.

A consciência de classe é desenvolvida no processo de transição da tomada de *consciência de classe em si*¹¹ para a tomada de *consciência de classe para si*¹², que se dá por meio da formação de uma *consciência humano-genérica*¹³ que, diferente do “senso comum”, procura compreender as causas e determinações dos fenômenos na totalidade, alcançando um nível de consciência que possibilita o conhecimento crítico da realidade, surgido da luta de classes, e que se orienta no sentido de transformação da sociedade.

Karl Marx e Friedrich Engels (1984), contrapondo-se aos filósofos alemães, afirmam que a sociedade é feita pelos homens e que não é a consciência que determina a vida, mas o contrário. São os homens reais que fazem a história¹⁴. No entanto, os homens fazem a história

(percepção)”, dessa forma, falar em conscientização é negar esse processo, uma vez que a tomada de consciência é dinâmica e ocorre dentro deste processo, não podendo ser exterior, imposta ao indivíduo. Mais uma vez: a consciência é formada pela própria realidade, pelo cotidiano do indivíduo ou da classe, não podendo ser-lhes imposta uma consciência por um doutrinamento dogmático conscientizador.

⁶ Identidade (é ou não é).

⁷ Dicotomias (sim, não; é, não é).

⁸ Juízos valorativos (é bom, é mau).

⁹ Linearidade (bebê – criança – adolescente – jovem – adulto – velho).

¹⁰ Ordem e harmonia (o choque gera o caos ou paralisa o sistema).

¹¹ *Classe em si*: “constituída pela população cuja condição social corresponde com determinado lugar e papel no processo produtivo, e que, independentemente de sua consciência e/ou organização para a luta na defesa de seus interesses, caracterize uma unidade de interesses comuns em oposição aos de outras” (DURIGUETTO; MONTAÑO, 2011, p. 97).

¹² *Classe para si*: “Conforma uma classe para si aquela que, consciente de seus interesses e inimigos, se organiza para a luta na defesa destes. [...] a classe trabalhadora se torna sujeito autônomo, consciente de seus interesses e do seu antagonismo ao capital, e organizado para as lutas de classes” (idem).

¹³ Comum aos seres humanos; também entendida como consciência de classe.

¹⁴ O termo história aqui remete ao processo de constituição da sociedade, do desenvolvimento da vida social. Marx esclarece da seguinte forma a relação entre os termos história e sociedade: “é, portanto, evidente que esta sociedade burguesa é o verdadeiro lar, verdadeiro teatro de toda a história” (ENGELS; MARX, 1984, p. 60). Sendo assim, uma determinada sociedade herda da anterior às forças produtivas por esta desenvolvidas, no entanto, é-lhe transmitida em circunstâncias radicalmente transformadas. É por isso que a “História não é outra coisa senão a sucessão das diferentes gerações”, porém em circunstâncias radicalmente transformadas e exercendo, ao mesmo tempo, uma atividade radicalmente transformada sob essas circunstâncias, o que acaba por gerar novas “circunstâncias” e a transformação das forças produtivas (ENGELS; MARX, 1984, p. 154).

sob determinadas condições por eles não decididas (enquanto indivíduos), e ao agirem sob essas determinadas condições, os homens acabam por modificá-las, assim como a si mesmos. A ideologia participa desse processo e é forjada junto à consciência dos homens, trabalhando dinamicamente e em movimento contínuo.

As ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes, ou seja, a classe que é o poder *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder *espiritual* dominante. A classe que tem à sua disposição os meios para a produção material dispõe assim, ao mesmo tempo, dos meios para a produção *espiritual* [...]. As ideias dominantes não são mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, relações materiais dominantes concebidas como ideias; portanto, das relações que precisamente tornam dominante uma classe, portanto as ideias do seu domínio. Os indivíduos que constituem a classe dominante também têm, entre outras coisas, consciência, e daí que pensem; na medida, portanto, em que dominam como classe e determinam todo o conteúdo de uma época histórica, é evidente que o fazem em toda a sua extensão, e, portanto, entre outras coisas, dominam também como pensadores, como produtores de ideias, regulam a produção e a distribuição de ideias do seu tempo; que, portanto, as suas ideias são as ideias dominantes da época.

A educação tem sido uma ferramenta ideológica de sustentação do modo de produção capitalista, de reprodução e legitimação de sua lógica nas relações sociais e de produção. Ela garante, em parte, a hegemonia da classe dominante - e de sua cultura - através do ensino escolar (estatal ou privado), de mecanismos educacionais familiares, midiáticos, religiosos e sociais (clubes, partidos, grupos sociais diversos). Como Althusser (1985) indicava: a educação participa do conjunto de Aparelhos Ideológicos de Estado.

Segundo o autor (*idem*), Aparelhos Ideológicos de Estado, junto aos aparelhos repressivos de Estado, garantem sua ordem e sustentam sua lógica. São diferentes instituições, que participam da vida cotidiana expressas em uma visível pluralidade de opções e compõem a cotidianidade alienante sob a qual se segue a vida. Resumidamente, seriam as instituições religiosas, educacionais, familiares, jurídicas, políticas, sindicais, de informação, e culturais. Em todas elas, há a interação social entre uma ou mais classes sociais. Dessa forma, as instituições educacionais participam do processo de alienação da classe trabalhadora.

Em Marx (1977), a partir de suas *Teses sobre Feuerbach*, compreende-se que a educação é alienadora e alienante, visto o/a educador/educadora ser fruto da própria ideologia socialmente hegemônica. Logo, as próprias práticas educacionais reproduzem a lógica alienante da classe dominante e contribuem para a exploração desta sobre uma classe dominada, sendo legitimada por um Estado que, ao favorecer o modelo de educação vigente, serve aos interesses daquela classe primeira.

Marx (2006) alega que o Estado, ao afirmar juridicamente a igualdade de todos em soberania popular, permitindo que cada um atue à sua maneira, acaba não abolindo, mas reforçando as diferenças efetivas criadas pelo sistema capitalista. Ou seja, a educação ao invés de funcionar como ferramenta que visa o alcance da emancipação humana, se voltada para a hegemonia e o domínio da ideologia capitalista, configurando-se enquanto produto das relações sociais de produção e de propriedade, determinadas pelas condições materiais de existência (idem).

Segundo Sérgio Lessa e Ivo Tonet (2008), a educação serve ainda como um meio de produção, pois o próprio trabalho no atual modelo produtivo predominante no modo de produção capitalista é submetido aos conhecimentos flexíveis comprados ou “oferecidos” de forma a possibilitar a escolha dos meios da realidade que são adequados à objetivação (pelo trabalho) de uma prévia ideação¹⁵, sendo, na maioria das vezes, selecionados e/ou voltados aos interesses do capital, regidos sob sua égide, focando apenas na qualificação do/da trabalhador/trabalhadora para a otimização da produção e ampliação de lucros, e mesmo da extração de mais valia (tanto em sua forma relativa, quanto absoluta).

Isso reforça a evidência de que a educação deve ser compreendida como partícipe de uma totalidade, permeada de contradições, acirrada por conflitos. É um dos componentes da luta de classes, de uma realidade cuja hegemonia da classe burguesa é garantida também por ela. Ou seja, a educação pode ser um instrumento de disputa ideológica.

Apesar da temática educacional não ser central nas obras de Marx e Engels, muitas citações e proposições são feitas por ambos, revelando a importância da educação como meio colaborador para a possibilidade de transformação societária, em obras como *O Capital*, *Crítica ao Programa de Gotha*, *A Ideologia Alemã*, *Grundrisse*, *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, *A Sagrada Família*, *Miséria da Filosofia*, *A luta de classes na França*, *Do socialismo utópico ao socialismo científico*, *Anti-Duhring*, *A Dialética da Natureza*, *Manifesto do Partido Comunista*, *A Situação da Classe Operária na Inglaterra* etc.

Ao discorrer sobre o ensino oficial, administrado pelo Estado burguês, Marx (1976) critica a influência religiosa em seus conteúdos, bem como seu burocratismo, que abstrai da realidade os fenômenos concretos transformando a ciência em algo imaginário e despido de conteúdo, passando-se por essencial à vida, de forma ilusória, tendo em vista manter a “ciência verdadeira” numa esfera aparente que aliena.

¹⁵ Projeção intelectual. Projeta o trabalho a ser realizado, materializado.

A questão do ensino estatal levanta grande discussão entre pesquisadores marxistas sobre a temática educacional. Em sua *Crítica ao Programa de Gotha*, Marx (1983) expõe que a “educação popular a cargo do Estado é completamente inadmissível”, visto que este não pode se designar como educador do povo, ao qual, deveria ocorrer o processo contrário: o povo deveria ser o educador do Estado, evitando que a educação sofresse influências por parte do governo e da Igreja. Logo, Marx não nega ser necessária a intervenção do Estado nesse campo, como agente financiador e como responsável pela capacitação dos/das professores/professoras, tirando das famílias, dos grêmios e da Igreja (das religiões) tal função.

Obrigação escolar para todos. Instrução gratuita’: a primeira existe mesmo na Alemanha, a segunda na Suíça e nos Estados Unidos para as escolas primárias. Se, nos diversos Estados destes últimos, alguns estabelecimentos de ensino superior são igualmente ‘gratuitos’, isso de fato significa simplesmente que as despesas de educação das classes superiores são pagas pelas receitas do conjunto dos impostos. [...] O que é absolutamente necessário condenar, é ‘uma educação popular a cargo do Estado’. Determinar por meio de uma lei geral os recursos das escolas primárias, a qualificação necessária ao pessoal docente, as disciplinas ensinadas, etc, e [...] mandar verificar por inspetores de Estado a execução das prescrições legais, é totalmente diferente de fazer do Estado o educador do povo! Antes pelo contrário, é preciso banir da escola, pela mesma razão, qualquer influência do governo e da Igreja (MARX, 1983, p. 92)

Devemos lembrar que as considerações de Marx participam de uma totalidade, eram fruto da observação e análise crítica de uma realidade.

A Europa contemporânea a Marx vivenciava um contexto de desenvolvimento acelerado das forças produtivas, com fenômenos próprios à urbanização e a produção industrial, combinados a uma profunda intensificação da exploração da classe trabalhadora, culminando na pauperização¹⁶ enquanto fenômeno decorrente do aumento da massa de trabalhadores componentes da superpopulação relativa¹⁷.

¹⁶ A pauperização pode ser identificada como a *nova pobreza* própria à primeira fase da revolução industrial, muito evidente nas recém urbanizadas cidades industriais. Marx aponta: “O pauperismo constitui o asilo dos inválidos do exército ativo dos trabalhadores e o peso morto do exército industrial de reserva. Sua produção e sua necessidade se compreendem na produção e na necessidade da superpopulação relativa, e ambos constituem condição de existência da produção capitalista e do desenvolvimento da riqueza. O pauperismo faz parte das despesas extras da produção capitalista, mas o capital arranja sempre um meio de transferi-las para a classe trabalhadora e para a classe média inferior. Quanto maiores a riqueza social, o capital em função, a dimensão e energia de seu crescimento e conseqüentemente a magnitude absoluta do proletariado e da força produtiva de seu trabalho, tanto maior o exército industrial de reserva. A força de trabalho disponível é ampliada pelas mesmas causas que aumentam a força expansiva do capital. A magnitude relativa do exército industrial de reserva cresce portanto com as potências da riqueza, mas, quanto maior esse exército de reserva em relação ao exército ativo, tanto maior a massa da superpopulação consolidada, cuja miséria está na razão inversa do suplício de seu trabalho. E, ainda, quanto maiores essa camada de lázaros da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior, usando-se da terminologia oficial, o pauperismo. Esta é a lei geral, absoluta, da acumulação capitalista”(MARX, 2012, p. 393).

O acesso ao ensino era limitado apenas às famílias dos estratos sociais abastados, restando à classe trabalhadora submeter-se a extensas e exaustivas jornadas de trabalho, em trocas de salários insuficientes para a garantia da cesta básica de produtos que garantiriam sua sobrevivência. Nesse contexto, Marx e Engels (1983) defendiam uma educação custeada pelo Estado, mas em muitos textos propunham uma auto organização da classe trabalhadora a fim de garantir um ensino com o horizonte da emancipação humana.

A pauta da educação profissionalizante universal não deve ser considerada uma pauta marxiana. O próprio Marx, N^o *Capital* (1983), critica tal projeto de reforma burguês, tendo em vista de que sob o capitalismo qualquer projeto de formação humana será ditada pelas necessidades de produção. Em o *Anti-Duhring*, Engels cita Duhring: “todo reformador que sonhe em mudar a sociedade tem naturalmente já pronto um sistema pedagógico adaptado à vida na sua nova sociedade” (1983, p. 85) e a partir disso faz uma dura crítica ao programa reformista para o ensino público do autor. Para Marx e Engels (2012) o que as reformas burguesas pretendem é apenas a formação de cada operário no maior número possível de atividades para a maior produção de mais valia possível.

Uma proposta de Marx e Engels (2012) para o período de transição revolucionário, que levaria ao comunismo, é o da garantia de educação pública e gratuita para todas as crianças, bem como a abolição do trabalho infantil no interior das fábricas, da forma que era então praticado, combinando a educação à produção material com o horizonte da emancipação humana, sob a auto organização da classe trabalhadora.

Marx (2012) elogia também a abolição do elemento religioso e clerical da educação pública durante o período vivenciado pela Comuna de Paris, que buscou, mesmo que minimamente, a emancipação intelectual do povo; a formação de comissões organizadas

¹⁷ “À medida que se implementam inovações técnicas poupadoras de mão-de-obra, tais ou quais contingentes de operários são lançados no desemprego, em que se mantêm por certo tempo, até quando a própria acumulação do capital requeira maior quantidade de força de trabalho e dê origem a novos empregos. Assim, a própria dinâmica do capitalismo atua no sentido de criar uma *superpopulação relativa flutuante* ou *exército industrial de reserva*” (GORENDER, 1996, p. 40). Marx nos ensina que “A superpopulação relativa existe sob os mais variados matizes. Todo trabalhador dela faz parte durante o tempo em que está desempregado ou parcialmente empregado. As fases alternadas do ciclo industrial fazem-na aparecer ora em forma aguda, nas crises, ora em forma crônica, nos períodos de paralisação. Mas, além dessas formas principais que se reproduzem periodicamente, assume ela, continuamente, as três formas seguintes: flutuante, latente e estagnada.” (2012, p. 390). *Grosso modo*, a superpopulação flutuante, como o termo já indica, é formada pelos trabalhadores que são ora repelidos, ora atraídos em quantidade maior, “de modo que, no seu conjunto, aumenta o número dos empregados, embora em proporção que decresce com o aumento da escala da produção” (idem). A categoria “latente” relaciona-se ao processo de migração campo – cidade, onde a classe trabalhadora do campo funciona como um depósito de mão de obra para a cidade, “parte da população rural encontra-se sempre na iminência de transferir-se para as fileiras do proletariado urbano” (ibidem, p. 391), por isso, latente. Já a categoria “estagnada” é a que “vegeta no inferno da indigência, do pauperismo” (ibidem, p. 392), é formada pelos trabalhadores aptos ao trabalho, mas raramente empregados, pelas crianças órfãs e filhas de indigentes, e pelos “degradados, desmoralizados, incapazes de trabalhar” (ibidem, 393).

especificamente para acompanhar a organização do ensino público primário e elementar; garantir material escolar (livros, mapas geográficos, cadernos etc.) gratuitos aos estudantes, sendo proibida qualquer forma de mercantilização dos mesmos por professores/professoras ou câmaras responsáveis, devendo ser fiscalizados pelos agentes comunais.

Alguns autores que estudam a temática educacional, muitas vezes apontam “soluções” – que não vão para além da manifestação fenomênica -para a questão do ensino, (tanto brasileiro, como universal) numa perspectiva que, em alguns casos, deturpam os escritos marxianos, equivocadamente utilizando os mesmos para defender políticas públicas e reformas que não ultrapassam o campo do Direito e o burocratismo próprio ao Estado burguês. Propõem mudanças metodológicas, mudanças no campo dos valores, mudanças através do “convencimento” doutrinário (NIDELCOFF, 1978). Esquecem-se que Marx não propõe uma transformação apenas nas práticas educacionais, nem aponta a educação como principal mecanismo de ruptura revolucionária.

Na verdade, Marx e Engels (1983) propõem mudanças no âmbito educacional de curto e médio prazo, em textos como o dirigido ao Conselho Geral da Associação Internacional de Trabalhadores, em 1869, ou em sua *Crítica ao Programa de Gotha*; bem como propostas de longo prazo com o horizonte de uma transformação social em *Princípios do Comunismo* e *A Situação da classe operária na Inglaterra*, de Engels, e nos escritos marxianos sobre a Comuna de Paris.

Um exemplo em voga é a discussão sobre Universidade Popular. Sabe-se que a Universidade é fundamental para o atual modelo de produção capitalista, e ainda é um espaço privilegiado para a produção de conhecimento, sendo necessária a tal modelo. Nas últimas décadas, as universidades públicas e as faculdades privadas - um pouco mais acessíveis à classe trabalhadora - têm sofrido diversos retrocessos, promovidos por políticas de cunho mercantilista e neoliberal, adotadas pelos últimos governos em obediências às determinações do Banco Mundial.

Porém, é importante ressaltar que mesmo em tais espaços existem contradições que colocam em contradição o próprio ideal burguês que deveria regê-los. Exemplo disso é que há uma batalha interna nas universidades públicas por autonomia e desenvolvimento de pesquisas que buscam respostas às crises sociais com o horizonte de ruptura com o capitalismo, projetos de extensão com movimentos sociais e organizações anticapitalistas, ao mesmo tempo em que existem pesquisas meramente voltadas à expansão e desenvolvimento de tecnologias que otimizem a produção, ampliando a geração de lucros e mais valia.

Uns propõem que a Universidade Popular seria aquela com acesso ilimitado por toda a população, diminuindo sua proposta à ideia socialdemocrata de acesso universal. Alguns propõem a Universidade Popular com os mesmos princípios defendidos por parte da classe burguesa: um local cuja produção acadêmica deve se envolver como a realidade que a cerca, produzindo conhecimento que promova uma criticidade para sua renovação, porém sem visar uma mudança concreta nas formas de sociabilidade em voga.

Outros afirmam a Universidade Popular como espaço financiado pelo Estado e auto organizado pelo povo, seja através de conselhos populares, de diretorias eleitas pela população (com uma falsa noção de poder popular), etc. Enfim, por mais que possamos considerar tal discussão como um avanço nas pautas atreladas à temática, ainda falta acúmulo e coerência necessária para se buscar uma efetivação de tal proposta, com adesão das massas.

Porém, a educação ultrapassa os espaços institucionais escolares, ou o Aparelho Ideológico de Estado escolar, como diria Althusser. A educação é só mais uma ferramenta que trabalha a ideologia, é só mais um contribuinte à modelagem de consciência, mas ela perpassa diferentes esferas da vida cotidiana. Ora, se a consciência é determinada pela realidade social, ela também é condição para sua transformação; participa do movimento que a transforma ou a sustenta. Trabalhar a consciência das massas, a consciência de classe, afirmando uma intenção de ruptura com a ordem capitalista é apenas uma “etapa” necessária à sua superação.

Segundo Lenin (2013), a melhor “escola” para o proletariado são as greves, pois elas ensinam “onde repousa a força dos patrões e onde a dos operários; ensina a pensarem não só em seu patrão e em seus companheiros mais próximos, mas em todos os patrões, em toda a classe capitalista e em toda a classe operária” (p. 18). A realidade e sua dinâmica são a melhor escola revolucionária, as greves são a melhor escola revolucionária. As greves, principalmente as greves gerais, ensinam a classe trabalhadora a se unir (idem). Porém, Lenin afirma que as greves em si, não são suficientes para o processo revolucionário, elas são “uma escola de guerra”, mas não são a própria guerra; as greves são apenas meios de luta, uma das formas do movimento operário” (ibidem, p. 28).

[...] as greves só são vitoriosas quando os operários já possuem bastante consciência, quando sabem escolher o momento para desencadeá-las, quando sabem apresentar reivindicações. [...] Quando todos os operários conscientes se tornarem socialistas, isto é, quando tendem para esta emancipação, quando se unem em todo o país para propagar entre os operários o socialismo e ensinar-lhes todos os meios de luta contra seus inimigos, quando formam o partido operário socialista, que luta para libertar

todo o povo da opressão do governo e para emancipar todos os trabalhadores do jugo do capital, só então a classe operária se incorpora plenamente ao grande movimento dos operários de todos os países, que agrupa todos os operários e hasteia a bandeira vermelha em que estão inscritas estas palavras: Proletários de todo os países, uni-vos! (ibidem, p. 27-29)

Isso reforça que não se deve esquecer que a educação e os modelos de ensino, não são o centro, o ponto de partida para a revolução, esta deve partir da análise da própria contradição capital – trabalho, em que a educação se insere. Mandel contribui sobremaneira ao debate da emancipação e da revolução apontando a necessidade das lutas revolucionárias que alcancem a larga massa de trabalhadores, para que estes possam participar dessa “pedagogia revolucionária” e adquiram consciência de classe revolucionária.

[...] A articulação entre o processo de educação das massas pela ação, o processo de educação dos trabalhadores avançados pela experiência e o processo de educação dos quadros revolucionários pela mediação da teoria e da prática revolucionária constitui a unidade do processo de construção do partido revolucionário. A aprendizagem e o ensino encontram-se, aqui, em constante interação, mesmo entre os quadros revolucionários, que se devem tornar capazes de renunciar à arrogância teórica. Esta concepção está baseada na compreensão de que a teoria só encontra a sua razão de ser na sua ligação com a realidade da luta de classes e pela sua capacidade de transformar a consciência de classe potencialmente revolucionária das largas camadas de trabalhadores numa consciência de classe realmente revolucionária (1975, p. 91)

O que Marx e Engels propõem é que o próprio educador seja educado no processo de luta de classes. Sem pedagogia revolucionária, não é possível uma transformação revolucionária consciente da sociedade. Assim, o que Marx e Engels é que a humanidade mude “completamente as condições da sua existência industrial e política, e, conseqüentemente, toda a sua maneira de ser” (1983), “só a transformação de si coincide com a transformação das coisas” (1977). Logo, é necessária uma mudança que vise “superar a alienação com uma reestruturação radical das nossas condições de existência há muito estabelecidas e, por conseguinte, de ‘toda a nossa maneira de ser’” (MÉSZÁROS, 2008).

Considerações Finais

Definitivamente, a educação participa do processo de tomada de consciência da classe trabalhadora, e é uma ferramenta a ser explorada pelos revolucionários na propagação do ideal anticapitalista, uma arma a mais na batalha ideológica do terreno da luta de classes. Sem dúvidas ela contribui para a práxis revolucionária e para a formulação de uma crítica

radical, revolucionária, que funda a consciência de classe. Porém, jamais ela pode ser tida, dentro do referencial teórico-metodológico marxista, como elemento central para a transformação social, ou meramente institucional, como mero instrumento institucional de ensino escolar.

Muitos autores que, inclusive, se reivindicam marxistas, propõem mudanças nas práticas educacionais sem, no entanto, elaborar as mediações necessárias, que visem como horizonte utópico à ruptura com a ideologia hegemônica atualmente, propondo alterações de cunho reformistas que não visam mudanças de ordem estrutural, e sim mudanças legalistas e burocratizadas. Tais propostas são pautadas em programas educacionais, pedagógicos e políticos que visam reformas educacionais através do aparelho Estatal, ou mesmo “revoluções educacionais”, que focam alterações apenas nos modelos de ensino-aprendizagem.

Uma educação emancipatória só será alcançada através de uma mudança estrutural que preze pela ruptura com a lógica de dominação do ser humano pelo ser humano, com a superação das alienações colocadas pelo modo de produção capitalista e que, como já dito, vise alcançar a emancipação política e humana.

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Notas sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

DANGEVILLE, Roger. **Crítica da educação e do ensino**: Karl Marx e Friedrich Engels. Lisboa: Editora Moraes, 1976.

DURIGUETTO, Maria Lúcia; MONTAÑO, Carlos. **Estado, Classe e Movimento Social**. 2º edição. São Paulo: Cortez, 2011.

IASI, Mauro. **Movimento por uma Universidade Popular**. Disponível em: http://pcb.org.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=3046:movimento-por-uma-universidade-popular&catid=116:universidade-popular Acesso em 05 de maio de 2012.

_____. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à Filosofia de Marx**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos-Filosóficos**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

_____. **Teses sobre Feuerbach**. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1977, p. 118-119.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre educação e ensino**. São Paulo: Editora Moraes, 1983.

_____. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do capital**. São Paulo: Editora Boitempo, 2008.

MANDEL, Ernest. **A Teoria Leninista da Organização**. Lisboa: Antídoto, 1975.

_____. **Introdução ao Marxismo**. 2. ed. Lisboa: Antídoto, 1978.

MINTO, Lalo Watanabe. Educação Superior e Movimentos Sociais: sentido histórico e questões atuais. In: RODRIGUES, Fabiana C.; NOVAES, Henrique T.; BATISTA, Eraldo L. (Orgs.). **Movimentos Sociais, Trabalho Associado e Educação para além do capital**. São Paulo: Editora Outras Expressões, 2012. p. 217-242.

NETTO, José Paulo. **O leitor de Marx**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2012.

NIDELCOFF, María T. **Uma escola para o povo**. Tradução de João Silvério Trevisan. São Paulo: Editora Brasiliense, 1978.

SENUP. **Carta de Porto Alegre: Resoluções do I Seminário Nacional de Universidade Popular (SENUP)**. Disponível em: http://pcb.org.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=3035:resolucoes-do-1o-seminario-nacional-de-universidade-popular-senup&catid=116:universidade-popular Acesso em: 05 de maio de 2012.